

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

MÁRCIA VIEIRA DE MELO

VISITANDO O PASSADO: UMA ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA

LARANJEIRAS

2019

MÁRCIA VIEIRA DE MELO

VISITANDO O PASSADO: UMA ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Profº Drº Gilson Rambelli

LARANJEIRAS

2019

MÁRCIA VIEIRA DE MELO

VISITANDO O PASSADO: UMA ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA

Aprovação _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Gilson Rambelli (Orientador)- DAR/UFS

RESUMO

Tendo como contexto as recordações do passado, este artigo busca refletir sobre como as lembranças da materialidade (a casa e seu entorno) permanecem vivas na memória. Partindo-se do pressuposto de que são elas as únicas recordações de infância, proponho-me a analisar, através da arqueologia sensorial, a relação da construção da paisagem, percepção e memória com o espaço físico na vivência do indivíduo. Inquieta com uma linguagem acadêmica, este artigo se faz através de uma narrativa que permeia as lembranças do passado embasadas na teoria da arqueologia sensorial. Através dessas observações, tornou-se possível compreender como nos relacionamos com o mundo através da percepção.

Palavras-chaves: Arqueologia sensorial, Materialidade, Paisagem, Memória.

ABSTRACT

Based on the context of past memories, this paper seeks to reflect how the remembrances of materiality (the house and its surroundings) remains alive in the memory. On the assumption that these are the only remembrances of childhood, I propose to analyse, through the Sensorial Archeology, the relationship between the landscape construction, perception and memory with the physical space in the experience of the individual. Concerned with an academic language, this paper is made through a narrative that permeates the past memories grounded on theory of Sensorial Archeology. By these observations, it became possible to understand how we relate to the world through the perception.

key-words: Sensorial Archeology; materiality; landscape; memory.

INTRODUÇÃO

Tinha pensado em fazer uma pesquisa mais aprofundada dentro do pensamento da Arqueologia Sensorial. Pretendia fazer um estudo sobre a importância da materialidade e sua significação na vida da sociedade. Não era pretensão reviver as experiências do meu passado, no entanto as circunstâncias me fizeram direcionar para um trabalho mais curto. Diante disso, decidi, antes de tentar entender o outro e suas particularidades viajar sobre o meu passado e compreender como através dos nossos sentidos interpretamos a materialidade. Confesso que apesar da correria para terminar no prazo, recordar minha infância e enveredar por caminhos que não “voltam” - se não pela memória - me fez por alguns dias voltar a ser criança. Entre o desespero para finalizar e a experiência de colocar em palavras cenas da minha infância, tive a impressão de estar falando do ontem, tamanhas as sensações provocadas pelo meu corpo. Descobri que não gostar do bairro onde morava não significa não ter tido boas lembranças dele. Então, a experiência me fez ver como a casa em que vivi por alguns anos tem um significado especial em minha vida. “As paisagens são construídas e apropriadas pelos sentidos, pela percepção, justamente a partir da realização de práticas cotidianas” (Pellini apud Benjamim, 2014, p.7).

Neste artigo, denominado “VISITANDO O PASSADO: Uma Arqueologia da memória”, coloco-me como protagonista de uma história que busca refletir sobre como as lembranças da materialidade (a casa e seu entorno) permanecem vivas na memória. Partindo-se do pressuposto de que são elas as únicas recordações de infância, proponho-me a analisar, através da arqueologia sensorial, a relação da construção da paisagem, percepção e memória com o espaço físico na vivência do indivíduo com essas materialidades.

JORNADAS

Recordo-me da dificuldade que tive para escrever os trabalhos acadêmicos da minha primeira graduação, em Publicidade e Propaganda. Precisei inserir uma linguagem acadêmica, formal e não entendia como um curso criativo necessitava de tanta formalidade. Quando entrei para o curso de Arqueologia, já sabia que iria me deparar com esse tipo de linguagem.

O tempo passou; já estava quase no sétimo período e precisava encontrar um orientador, alguém que compreendesse a minha inquietação, alguém que me mostrasse que poderíamos sim falar uma linguagem que fizesse sentido - e fosse acessível - para a

comunidade, que proporcionasse prazer ao ler e escrever. Não queria mais fazer algo por fazer, investigar ou mostrar resultados que não teriam sentido algum para mim.

Um dia, minha amiga Jane me ligou para falar que tinha chegado na universidade um certo Pellini, professor de arqueologia sensorial que iria ministrar aula de verão na disciplina de Teoria Arqueológica I. Como eu já havia feito a disciplina, entrei na sala sem ser matriculada e ao final me apresentei e pedi para assistir as aulas. Assim, descobri o que de fato me instigava: uma arqueologia com sentidos.

Para o claro entendimento do que quero falar, deixe-me contar sobre a minha primeira aula de laboratório. Depois de uma escavação, o momento mais esperado por um aluno de arqueologia é conhecer o laboratório, pois assistir a uma aula prática é muito mais “divertido”. Quando adentramos, os crânios já estavam posicionados na mesa, uma professora e um aluno (bolsista) estavam à espera para ministrar a aula. Eu estava eufórica por aquele momento e fiquei fascinada por tudo que via. Entretanto, lembro que a aula era muito técnica, deixando-a monótona.



Cena 1

Fugi. Fui para o mundo da imaginação. Agora, ouço a voz da professora bem ao longe. Começo então a imaginar a identidade daquele “indivíduo”. Quem era? Como eram suas características? Como se vestia? O que gostava de fazer? Como se relacionava com a

sociedade? Qual era o seu ofício! Seu nome? Alguém falou alto e eu despertei. Desconfiada e um pouco sem graça por não ter prestado atenção na explicação, direcionei uma pergunta ao bolsista: *O que você vê quando olha para o crânio?* Para minha surpresa a resposta foi: “Ossos para serem identificados.” Senti que não estava no lugar adequado, fiquei em dúvida se era isso que eu queria para minha vida (identificar ossos).

Não quero dizer que o modelo tradicional de análise seja uma forma errada, ao contrário, uma posição do corpo, suas fraturas, datações dentre outros aspectos são parâmetros para tentar entender o que aconteceu antes daquele corpo estar inerte em forma de esqueleto. Entretanto, existem outras formas de entender e ampliar o contexto arqueológico. “Não há meios de compreender, seja o registro arqueológico, seja a cultura material moderna, sem reportá-los ao comportamento humano” (Trigger, 2004, p.).

“Construir/inventar/ interpretar o passado é a função básica do arqueólogo. Refletir sobre este processo se torna, portanto, ponto central da prática arqueológica” (Zarankin, 2014, p.39).

Diante desse pensamento, fico a imaginar como estudar um indivíduo sem tentar interpretar as suas experiências com o mundo material, como é possível identificar certas morfologias sem se perguntar se elas estão relacionadas com a construção da vida cotidiana. Qual seria o papel do arqueólogo sem dar um sentido, uma história para as marcas do seu corpo.

Acredito que quanto mais lemos menos sabemos. No que se refere ao significado do termo “o que é arqueologia”, iremos encontrar nas diversas teorias várias respostas. É claro que alguns conceitos são questionados e, às vezes, uma única palavra modifica o sentido da frase. Tais questionamentos eram discutidos em sala e dessa forma tínhamos escolhas para serem feitas.

No livro básico de Pedro Paulo Funari (2010), intitulado “Arqueologia”, ele discorre que, do ponto de vista tradicional, a arqueologia estuda o objeto feito pelo homem, mas ressalta se era possível separar o objeto do homem que o fez e se apropria dele.

Quando a Arqueologia Sensorial me foi apresentada, passei a ser uma pessoa mais observadora. Criei hábitos de interagir e tentar interpretar o ambiente. Agora eu não só tinha que estudar as teorias que ela nos oferece, mas precisava estar atenta a todos os sentidos

como, por exemplo, os sons, texturas, cores e sabores, ou seja, tudo que pode estar inserido na vivência daquele espaço (sítio). Diante desses questionamentos, Pellini (2011) ressalta que a paisagem é entendida pelo homem através de uma linguagem simbólica e é por essa conversa que ele percebe as mudanças na construção do espaço.

Às vezes comparo um arqueólogo a um ator. A cada série, ele se transforma em um personagem, tem um tempo de estudo, conhece cenários, estuda linguagens e se prepara para incorporar e realizar o melhor dele. Quando acaba a temporada, ele é chamado para outro papel, troca sua vestimenta e desbrava outros mundos.

Não quero me referir a vestir a roupa do outro. Não é uma tentativa de reconstruir e sentir o passado do outro, mas de tentar entender como construímos nossas histórias e como essas construções podem ser armazenadas na memória através da experiência sensorial com a matéria (PELLINI, 2015). É nesse parâmetro que entendo o papel do arqueólogo, no sentido de tentar entender o modo de vida de uma sociedade através da sua materialidade.

“Tem lugares que me lembram/Minha vida por onde andei/As histórias, os caminhos/O destino que eu mudei [...] Personagens do meu livro de memórias...” O trecho da tradução da música *In My Life*, dos Beatles, cantada em português por Rita Lee, nos remete a uma relação bastante contundente na arqueologia sensorial: Paisagem e memória.

Existem lugares, objetos, canções, alimentos, dentre inúmeros outros elementos que têm uma grande representação na vida de um indivíduo (ou de grupos de pessoas), sejam eles lembranças felizes ou de sofrimentos. Essas vivências e experimentos não são esquecidos talvez porque são intensos e deixam cicatrizes, entretanto vivenciamos tantas outras coisas que passam despercebidos pela memória. Dentro desse cenário, Bergson (1999, p.8) descreve que “A lembrança [...] representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria”.

Certa vez, Pellini me falou que estava à procura de um exemplar de uma revista que foi da mãe dele e que foi através desse material que teve vontade de se tornar arqueólogo. Contou que, em um momento qualquer, se desfez da revista e naquele momento precisava rever uma matéria. Então correu em sites de busca até encontrar um exemplar daquela mesma tiragem. Quando o encontrei, ele me falou da sua aquisição e então lhe perguntei se a revista tinha o mesmo significado que a outra. Por alguns minutos, ficou pensativo. Afinal de contas

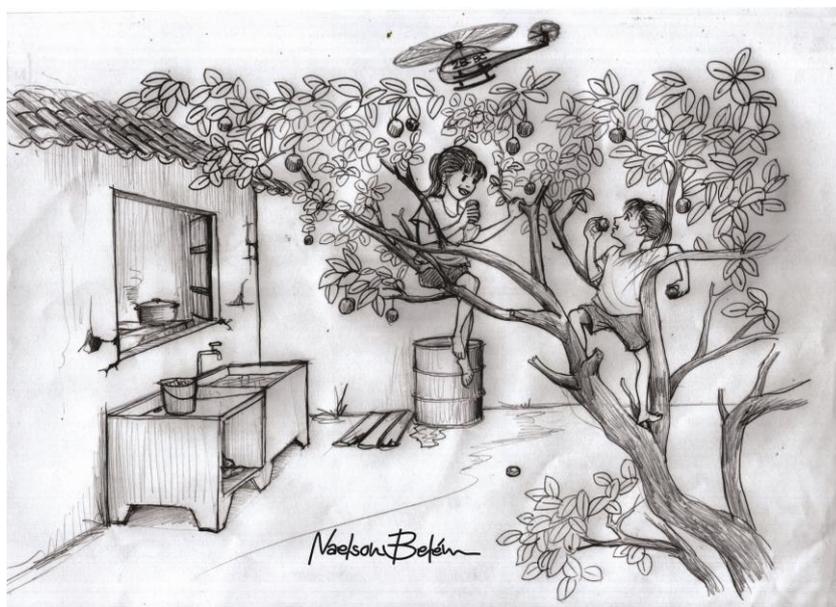
era uma revista qualquer e da mesma foi tirada milhares. Mas aquela não. Tinha sido da sua mãe, foi manuseada por ela e guardada por algum motivo.

Após alguns instantes, ele me respondeu que “não, não tinha o mesmo significado”. Nunca lhe perguntei por qual motivo ele pensou antes de responder, mas acredito que tenha sido por questões associadas às lembranças que aquele exemplar lhe traria.

A Casa Velha

Tenho poucas lembranças da minha infância, mas se fecho meus olhos tenho nítidos na memória a cozinha e o quintal da casa velha de taipa. Na cozinha, tinha um fogão à lenha e, próxima a ela, uma janela que dava vista para o quintal, que, nas minhas lembranças, era o grande cenário da casa. À direita, ficava um pé de cana e, ao seu lado, um tonel com água e pedaços de madeiras ao chão, que serviam para pisar e tomar banho sem sujar os pés na areia. Ao fundo, uma lavanderia feita de cimento e uma goiabeira.

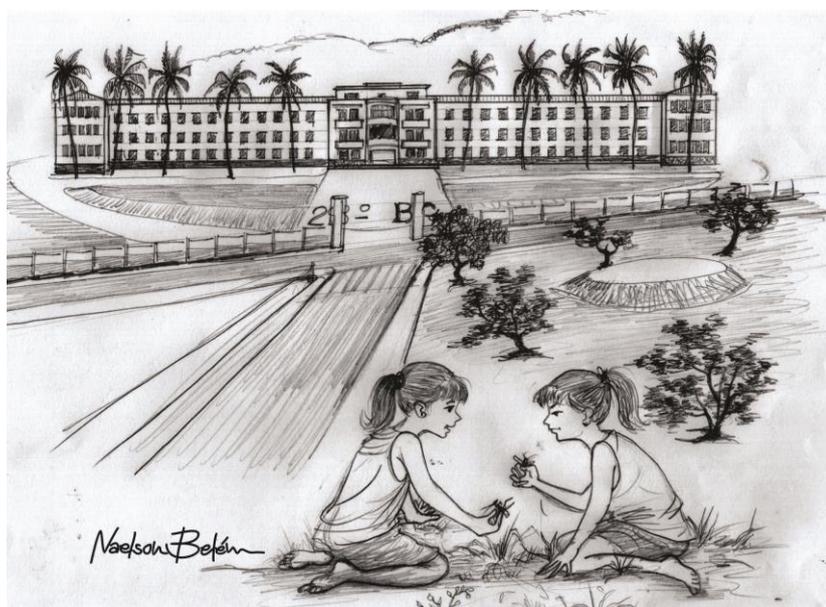
A casa ainda é nossa. Ela fica entre o Hospital e Maternidade Santa Isabel e o Quartel do 28 BC, na zona norte de Aracaju, em uma região alta. Entretanto sua arquitetura foi modificada, não é a mesma das minhas lembranças.



Cena 2

Minha família cresceu bastante depois dos três últimos partos de gêmeos de minha mãe. Somos em doze filho e eu nasci do último parto gemelar. Fomos criados com muita dificuldade, o dinheiro que entrava era para suprir as necessidades básicas e não sobrava uma “nica” para comprar brinquedos. Então fazíamos dos cenários da casa e do seu entorno o nosso parque.

Subir no pé de goiaba e saborear seu fruto era uma das atividades mais interessantes, pois além da brincadeira o fruto servia como lanche. A sensação da adrenalina de estar no alto era muito boa e quando os aviões e helicópteros do quartel sobrevoavam, era sinal que precisávamos correr ao encontro de outras crianças da rua para chegarmos ao campo e vermos a beleza do seu pouso.



Cena 3

Segundo Zarankin:

“Existe uma sensação generalizada de que é unicamente no presente onde as coisas ocorrem “de verdade”, o passado seria algo mais ambíguo e subjetivo, pois como ele “já passou”, não há nada que se possa fazer para transformá-lo. Ele vive na memória” (Zarankin, 2014, p.37).

Hoje, ao construir essas *memórias no presente*, como destaca Pellini (2016), percebo que eu sempre tive brinquedos, os maiores que uma criança poderia ter tido. Tive aviões e helicópteros gigantes e um “palácio” que tinha o nome engraçado escrito em seu paredão – “28BC”. À sua frente, uma praça enorme onde eu brincava de catar gafanhotos com Magna,

minha irmã gêmea. Essa era a parte das brincadeiras que mais me afligia, morria de medo deles. Ela me fazia guardá-los na mão e eu os amassava de tanto medo. Quando ela retornava para pegá-los, estavam todos mortos. Até hoje tenho receio do inseto, e o pior, associo-o a um avião. Quando viajo não consigo olhar para a aeronave até estar no seu recinto.



Cena 4

Ainda tínhamos momentos de reflexão, pausa para relaxar. Lembro que Ângela, minha irmã mais velha, levava Magna e eu para brincarmos de galhos e sementes, que caíam de uma árvore enorme que fica na entrada do Hospital e Maternidade Santa Isabel. Eram tardes mágicas. Daqueles gravetos e sementes construíamos cenários, pessoas e objetos para imitar a vida cotidiana dos adultos.

Segundo Winnicott (apud Oliveira; Sousa, 2008), o ato de brincar está no intervalo entre a ilusão e o real, um espaço que ele denomina como “área intermediária”, em que o brincar faz parte das experiências culturais dos indivíduos desde a primeira infância até a fase adulta, e cada fase será diferenciada pelas escolhas feitas ao longo da vida, e é na fase do brincar compartilhado que ela encontra o processo de socialização.

Dentro desse processo e analisando as cenas por mim vividas, entendo, como também discorre Pellini (2014), que as memórias são formadas pelas experiências sensoriais vividas, então percebo a importância de não limitar, principalmente as crianças, de vivenciar suas experiências com a materialidade ao seu redor e criar memória sobre o passado.

Em 2016, fui presenteada com uma viagem ao Peru. Foi a melhor de todas que já fiz. Entretanto a minha ansiedade de registrar todos os momentos sem experimentar e vivenciar o ambiente me fez esquecer alguns sítios visitados. Quando cheguei a Machu Picchu, uma explosão de sentimentos me fez cair em lágrimas. Abracei minha irmã e agradei por ela ter sido a intermediária de eu estar vivendo aqueles momentos. Quando as emoções foram acalmadas, fiquei inquieta com as explicações da guia e consegui me dispersar do grupo. Aí decidi conhecer com calma cada caminho visitado, fiz quase todos, com exceção da Huanna Picchu (montanha mais alta) porque não estava no pacote, já que era preciso agendar com antecedência por ter um limite de pessoas por dia para subir.

No instante em que escrevo essa história, recordo-me nitidamente de cada caminho percorrido que fiz. De acordo com Pellini (2011,p.21), “Se quisermos entender como as pessoas no passado experimentavam a paisagem, se faz necessário explorar os mecanismos através do qual a estrutura perceptiva é formada”.

Refletindo sobre essas lembranças e o pensamento de Pellini, consigo entender como a casa e as paisagens do seu entorno estão inseridas na minha memória. De acordo com as experiências corpóreas, nós vivenciamos e experimentamos as sensações do mundo externo a cada estímulo em que nos aproximamos da materialidade pela percepção.

Bergson (1999) discorre que o estado psicológico e o estado cerebral não fazem uma relação constante e simples, pois passamos por vários estágios na vida e, quando eles são manifestados, podem estar mais perto ou mais longe, a depende da importância que damos à vida naquele momento.

“A velhice vive de portas abertas para a visita da memória que, por diversas vezes, insiste em não partir. A memória entra, toma um café, fala com seu hálito de mofo sobre coisas muito antigas, desfia coisas e mais coisas. Diante do tardar das horas, ela se oferece para ficar”.
(BITARÃES, 2011, P.198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

RETORNO AO LABORATÓRIO

Nos instantes em que sumi da sala para dar vez às minhas imaginações, por um momento fiquei a imaginar “E se aquele crânio fosse o meu?” Como teria sido a descrição

feita por aquele futuro arqueólogo? Acredito que eu seria apenas mais uma evidência da arqueologia, com algumas descrições, patologias e datações. Não teria ele pensado na minha existência como ser vivo.

Contar uma história que permeia sobre a materialidade é possibilitar uma aproximação com o passado. Quando pedi ao artista plástico Nelson Belém para esboçar cenas da minha infância, não entreguei o texto para ser lido e interpretado, apenas fui ao seu atelier e descrevi superficialmente o que pretendia.

Para minha surpresa, o resultado foi muito próximo das minhas lembranças e aflorou todos os sentidos percebidos no passado. Recordei sabores, adrenalinas, angustias por conta dos gafanhotos, o frescor da água gelada do tonel, o toque das sementes... Senti até meus pés sujo de areia.

Precisamos compreender que há preceitos arqueológicos na própria existência, que tudo que é vivido, sentido, faz parte da concepção da materialidade (corpo), ainda que essa materialidade deixe de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Warley Kelber Gusmão. A Relação entre percepção e Memória no pensamento de Henri Bergson. São Carlos. Setembro de 2007. UFSCar.

BERGSON, H. 1999. Matéria e Memória. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.

BITARÃES NETTO, Adriano. 2001. Retratos Narrados. São Paulo: Paulinas.

FUNARI, J. 2016. Arqueologia. São Paulo: Contexto.

LAKATOS, Eva Maria. 2003. Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Atlas.

OLIVEIRA, Leide, **SOUZA**, Emilene. Brincar para Comunicar: A Ludicidade como Forma de Socialização das Crianças. X Congresso de Ciências da comunicação na Região Nordeste. São Luis. P. 1-12. 2008.

PELLINI, J. 2016. Arqueologia e os Sentidos: Entrando na Toca do Coelho. Curitiba: Prismas.

_____. Movimento e Gis: Uma percepção da Paisagem. Revista Habitus. Goiânia. V 6. n° 1/2. P. 171-186. 2008.

_____. Mudando o Coração, a Mente e as Calças: A Arqueologia Sensorial. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. N° 20. P. 3-16. 2010.

_____. Nem Melhor Nem Pior: Apenas uma Escavação Diferente. Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. N° 21. P. 3-15. 2011.

_____. Onde está o gato?: Realidade, Arqueologia Sensorial e paisagem. Revista Habitus. Goiânia. v 9. n° 1. P. 17-31. 2011.

_____. Arqueologia com Sentidos: Uma Introdução a Arqueologia Sensorial. Revista Arqueologia Pública. Campinas. P. 1-12. 2015.

_____. Tomando Chá com o chapeleiro: A Arqueologia Sensorial como Arqueologia Descolonizante. Revista de Arqueologia. v 27. n° 2. P. 14-34. 2014.

_____. Os Sacerdotes da Verdade: Ética e o Conceito de Registro Arqueológico. Revista Habitus. Goiânia. V 12. n° 2. P. 291-306. 2014.

_____. Paisagens: Práticas, Memórias e Narrativas. Revista Habitus. Goiânia. V 12. n° 1. P. 125-142. 2014.

PETRELLI, Rodolfo. 2001. Fenomenologia: Teoria, Método e Prática. Goiânia: UCG.

TRIGGER, B. 2004. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odisseus.

ZARANKIN, Andrés. A Materialização do Sadismo: Arqueologia da Arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da Ditadura Militar Argentina (1976-1983). Revista Internacional de Direito e Cidadania. n° 6. P. 17-32. 2010.

_____. A Persistência da Memória...: Histórias não Lineares de Arqueólogos e Foqueiros na Antártica. Revista de Arqueologia. v 27. n° 2. P. 35-42. 2014.